

## **A MULHER E O HUMOR: A PEDRA DE SÍSIFO NÃO CRIA LIMO**

Alba Valéria Tinoco Alves Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto analisa a relação entre as mulheres e a produção de humor no Brasil, expondo a lacuna existente em estudos teóricos brasileiros sobre humor e sobre literatura no que tange à produção de humor de autoria feminina e discutindo a escassa citação de autoras em antologias e obras de referências sobre o texto humorístico no contexto brasileiro.

**Palavras-chave:** Humor na literatura, escritoras brasileiras, construção de identidades

*A mulher pode ser definida como um homem inferior.  
Aristóteles (384-322 a.C)*

*As mulheres em geral não apreciam arte alguma, não as conhecem e não têm talento nenhum.  
Jean-Jacques Rousseau (1712-1778)*

*[A mulher] sofre de uma miopia intelectual que lhe permite, por uma espécie de intuição, ver de uma maneira penetrante as coisas próximas; o seu horizonte, porém é limitado, escapa-lhe o que está distante.  
Arthur Schopenhauer (1788-1860)*

*Uma mulher que exerce sua inteligência torna-se feia, boba e macaca.  
Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865)*

*Dizemos que as mulheres têm menos interesses sociais que os homens e que entre elas a faculdade de sublimar os instintos torna-se mais débil.  
Sigmund Freud (Psicanalista austríaco)*

*A conspiração masculina não pode explicar todos os fracassos femininos. Estou convencida de que, mesmo sem restrições, jamais teria havido algum Pascal, Milton ou Kant femininos.  
Camile Paglia (1947)*

Essas são algumas, entre outras dezenas de frases do gênero, compiladas por Selma Ferraz, no *Dicionário Machista*<sup>1</sup>. A inserção de meia dúzia delas como epígrafe deste artigo mostra como, ao longo da história, em diversos campos de atuação, há sempre quem negue a competência das mulheres ou faça a ressalva de que o seu desempenho nunca é bom o bastante. Relutou-se, na verdade, em inseri-las porque a leitura contínua dessa enfiada de pérolas da misoginia milenar causa uma mistura de riso e desconforto. Todas soam tão datadas, tão cafonas no seu sexismo embolorado,

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto – Instituto de Letras – UFBA – albavaleria99@hotmail.com

que é difícil acreditar que ainda continua vigente o costume de fazer afirmações do tipo; “[as mulheres] podem muito bem passar sem o incrível senso de humor típico de nós homens”, frase do colunista Fabio Hernandez, autor do *blog O homem sincero* da revista *Época*, em seu texto “As mulheres não são engraçadas”<sup>2</sup>. Vicariamente inspirado no artigo de Christopher Hitchens, “Por que as mulheres não são engraçadas”<sup>3</sup>, que será comentado mais adiante neste artigo, Hernandez afirma que, nos EUA, “a lista das comediantes mulheres talentosas não preenche os dedos de uma mão”. E quanto ao Brasil, ele se pergunta: “Que comediantes realmente brilhantes a televisão brasileira produziu? E o cinema? E a imprensa?”. E desafia quem achar que ele não tem razão a “atirar pedras”, mas “só com argumentos e mais que isso nomes”<sup>4</sup>.

O fato de o autor estar tão interessado no humor das mulheres no Brasil e não mencionar um nome sequer suscita conjecturas. Por que será que ele não citou entre as comediantes brasileiras (ou que atuam como comediantes): Berta Loran, Dercy Gonçalves, Nair Belo, Zezé Macedo, Cláudia Rodrigues, Regina Casé, Maria Clara Gueiros, Marisa Orth, Ingrid Guimarães, Heloísa Perissé, Maria Menezes? Por que será que, mesmo sendo colunista de uma revista semanal, ele nunca se deparou com Patrícia Travassos, Leila Ferreira, Gisela Rao, Fernanda Young? Por que será que, mesmo escrevendo para a Internet, ele nunca ouviu falar em Cibele Santos e Priscilla Vieira? Será que isto denota ignorância? Certamente que não, uma vez que o colunista de uma revista de circulação nacional deve ser uma pessoa informada. O que se supõe, então, é que o artigo seja uma provocação e que seu autor tenha preferido omitir os nomes a perder a piada, pois a pior hipótese é a de que, não sendo nem ignorância nem provocação, Hernandez esteja falando sério e que sua frase seja mais um verbete a ser incluído no *Dicionário Machista*.

Afirmações como as de Hernandez e Hitchens são muito contraditórias quando se pesquisa a relação entre as mulheres e o humor, sendo que a recorrência dessa espécie de “São Tomé” do humor das mulheres é apenas um dos obstáculos que elas têm enfrentado na afirmação das suas potencialidades, como este artigo pretende, ainda que parcialmente, mostrar.

Para além do tema comum, humor de mulheres, os estudos utilizados para a confecção deste artigo, principalmente os de Regina Barreca<sup>5</sup>, Gail Finney<sup>6</sup> e Nancy Walker<sup>7</sup>, possuem alguns aspectos em comum que também se fazem presentes neste texto, quais sejam: a) a adoção do termo “humor produzido por mulheres” ou “humor escrito por mulheres”, em lugar de humor feminino ou feminista; b) a impressão de

estar lidando com um tema pouco explorado no meio acadêmico e cultural onde o trabalho está sendo desenvolvido; c) a utilização de alguma declaração, normalmente feita por um homem, de que as mulheres não são engraçadas e os motivos pelos quais isto acontece e d) a constatação de que as mulheres fazem humor apesar de todas as afirmações contrárias.

Vale ressaltar que, embora as duas primeiras características fossem inevitáveis, a terceira não o seria necessariamente caso o jornal *Folha de S. Paulo* não tivesse publicado no Dia da Mulher, de 2007, um artigo, escrito pelo inglês Christopher Hitchens, sobre a falta de talento humorístico das mulheres. Esse texto, que havia sido originalmente veiculado na revista *Vanity Fair*, sob a rubrica *Provocation*, em janeiro de 2007<sup>8</sup>, foi glosado, como se mencionou na Introdução deste artigo, pelo colunista Fabio Hernandez. Desta forma, portanto, este trabalho compartilha, com os estudos mencionados, as quatro características que serão detalhadas a seguir.

A primeira delas é que todos os estudos mencionados adotam expressões como *women's humor*, *women's humorous writings*, ou *women's comedy* para se referir ao humor escrito por mulheres, em vez de expressões como *female humor* ou *feminist humor*. Gail Finney, inclusive, comenta que quem escreve sobre o humor de mulheres, geralmente, ao se referir ao humor e à comédia que elas fazem, evita o uso do adjetivo “feminista”, porque, embora se credite às mulheres o senso de humor que lhes é devido, acredita-se que a expressão “humor feminista” soa como um oxímoro<sup>9</sup>.

Tal observação, que seria uma ótima piada em *off*, no corpo do texto soa um tanto desleal, ainda mais porque grande parte dos movimentos afirmativos de minorias, no qual o movimento feminista pode ser incluído, tem o seu momento de cobrança ressentida, de adoção de posições radicais, de incorporação do sentimento de que *nós* e *elas* estamos em lados opostos do ringue, o que pode gerar um certo discurso mal-humorado; mas isso, é importante ressaltar, não é específico do feminismo, mas de qualquer movimento de reivindicação de direitos. Além disso, conquanto o humor que a mulher escreve não seja sinônimo de humor feminista, há muito de feminismo no humor que a mulher escreve.

A segunda característica presente nos estudos sobre o humor escrito por mulheres é justamente a expressão de um sentimento de pioneirismo, a sensação de se estar aventurando por um território inexplorado, seja do ponto de vista teórico, seja do ponto de vista da reunião de um *corpus* de estudo.

Nancy Walker, por exemplo, diz que, quando iniciou os seus estudos sobre o humor, em 1979, com exceção de uma ou outra menção a Dorothy Parker, as mulheres ou não eram citadas ou eram relegadas a notas de pé de página. Pesquisadora e professora da obra de Parker, ela não compreendia por que os estudos sobre o humor americano não falavam dessa e de outras autoras como Jean Kerr ou Erma Bombeck e achava que se tratava do mesmo fenômeno de invisibilidade que já havia impedido as mulheres de serem reconhecidas em outros campos de conhecimento, como a ciência e a música. Embora tendo percebido que isso, realmente, fazia parte do problema, a questão, na verdade, era ainda mais fundamental: o que se negava à mulher era na verdade o próprio senso de humor. A presumida e lamentada incapacidade da mulher para o humor era uma constante não apenas em estudos de críticos e acadêmicos, mas também nos textos de mulheres humoristas que afirmavam estar escrevendo humor apesar de saberem que as mulheres não eram capazes de tal feito.

Publicado oito anos depois do livro de Walker, a compilação *The Penguin Book of women's humor*, de Regina Barreca<sup>10</sup>, traz na sua introdução o registro de comentários depreciativos sobre a exigüidade de páginas que teria um livro com humor escrito por mulheres. A invisibilidade de uma porção significativa do humor americano é um testemunho da exclusão da mulher do poder, e as próprias mensagens do humor cotidiano são freqüentemente eloqüentes afirmações da subordinação feminina.

Invisibilidade e subordinação também estão presentes no cenário brasileiro, onde a falta de reconhecimento da expressão humorística das mulheres talvez seja ainda mais acentuada, conforme foi comentado no início deste trabalho. É curioso conjecturar se este não-reconhecimento e/ou desqualificação do humor que a mulher escreve e o tratamento muitas vezes jocoso que se dá à questão, como os comentários de Fábio Hernandez sugerem, seriam tão tolerantemente aceitos se se tratasse de um outro grupo reivindicativo qualquer.

A reação das pessoas, ainda hoje, à menção do tema da pesquisa que originou este trabalho, talvez, reflita a situação dos estudos sobre o humor escrito por mulheres no Brasil. Algumas perguntam se isto, o humor de mulheres, existe de fato; outras duvidam da pertinência do tema, por achar que é óbvio que as mulheres têm humor, mas não conseguem lembrar de um nome de uma única escritora sequer; a maioria delas diz que nunca havia se dado conta da questão, mas que de fato o tema dá o que pensar.

Ao longo de quatro anos de pesquisa (2005-2008) sobre o humor escrito por mulheres no Brasil, não se encontrou um texto acadêmico sequer diretamente voltado

para a questão central, ou seja, para a ausência de textos de mulheres nas antologias de humor no Brasil ou para a dificuldade que Fábio Hernandez, supostamente, encontrou para citar o nome de, pelo menos, uma mulher que se destaque no humor por aqui<sup>11</sup>. Não se trata de uma afirmação de efeito, foi compilada e organizada uma bibliografia de cerca duas dezenas de volumes de estudos voltados exclusivamente para a questão da relação entre a mulher e a literatura, sendo que a maioria deles voltado para o Brasil, que vão desde *O que é escrita feminina*, de Lúcia Castello Branco<sup>12</sup>, até *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*, de Heloísa Buarque de Hollanda e Lúcia Nascimento de Araújo<sup>13</sup>, passando pelos dois volumes dos *Anais do VII Seminário Nacional de Mulher e Literatura*<sup>14</sup>, e muito pouco foi dito sobre a relação entre a mulher e o humor.

Uma das poucas menções ao assunto está no livro de Luiza Lobo, *Crítica sem juízo*<sup>15</sup>. No texto “Dez anos de literatura feminina brasileira”, ela ressalta a importância do humor na literatura e na sociedade como elemento desestabilizador das estruturas e conclama as mulheres a rirem mais de si mesmas em vez de se lastimarem e, no caso da mulher brasileira, a se tornarem menos Ci, mãe do Céu, que pagou por seus prazeres com a morte, e mais Macunaímas.<sup>16</sup>

Obviamente que o fato de não ter encontrado referências teóricas significativas sobre o assunto no Brasil pode ser uma deficiência da pesquisa, mas é possível também que o estado da arte desse tema, por aqui, esteja na fase em que ele se encontrava por volta de 1885 nos EUA: o primeiro estudo ainda estava por ser escrito, a primeira antologia de humor escrito por mulheres ainda estava por ser compilada. Não se quer dizer com isso que os estudos sobre o humor escrito por mulheres no Brasil estejam “atrasados” em relação aos EUA, muito pelo contrário, justamente porque os estudos sobre a literatura escrita por mulheres já se consolidou no Brasil é que já se pode pensar num posicionamento sobre o humor nessa literatura, até mesmo por uma razão muito óbvia: é impossível que nela não exista humor. O problema é que ver esse humor depende de acreditar, primeiro, que o humorístico é uma forma de expressão tão legítima quanto a seriedade<sup>17</sup> e, segundo, que as mulheres são capazes de fazê-lo.

Uma evidência da “invisibilidade” do humor escrito por mulheres no Brasil é a ausência de textos de autoria feminina nas antologias, enciclopédias e revistas especializadas em humor do Brasil, como por exemplo: a) *Entre sem bater* (2004), de Luís Pimentel: 93 humoristas; 1 mulher, Nair de Teffé; b) *Piracicaba 30 anos de humor* (2003): 189 humoristas; 7 mulheres; c) *Barão de Itararé: o humorista da*

democracia (2002), de Leandro Konder: 15 humoristas; nenhuma mulher; d) *Os 100 melhores contos de humor da literatura universal* (2001), de Flávio Moreira da Costa (Org.): 21 escritores brasileiros; 1 mulher; e) *Revista Bundas*, ano 1, número 1 (1999): 36 colaboradores representantes da “nata do humor e do jornalismo brasileiro”; nenhuma mulher; f) *Antologia brasileira de humor* (1976) [por] Adail [e outros]: 2 mulheres, Ciça e Mariza; g) *O melhor do Pasquim 1969/70*: 31 colaboradores, nenhuma mulher; h) *Antologia de Humorismo e Sátira* (1969), de R. Magalhães Jr. (org.): 132 autores brasileiros; 04 mulheres; i) *As melhores histórias de humor de todos os tempos*. [197?], de Mariano Torres (Org.): 8 autores brasileiros; nenhuma mulher.

Essa presença rarefeita de nomes femininos no humor brasileiro foi percebida também, na área de humor gráfico, por Zé Roberto Graúna. Tendo compilado uma lista de mais de mil nomes de artistas gráficos brasileiros desde a década de 80, entre eles desenhistas, caricaturistas, cartunistas e ilustradores de jornais e livros, ele percebeu que apenas pouco mais de uma centena eram mulheres, sendo que a maioria delas atua quase exclusivamente no mercado editorial infanto-juvenil. No campo do humor gráfico o número se reduz drasticamente a meia dúzia de nomes, entre eles Rian, Hilde, Yolanda, Mariza, Ciça e Pryscilla Vieira<sup>18</sup>.

Por que o cenário do humor brasileiro parece tão refratário à presença de mulheres? Há, a esse respeito, um artigo interessante de Terezinha Bittencourt, “A mulher na imprensa alternativa”, em que ela fala justamente do modo como a mulher é tratada e retratada no *Pasquim*, na década de 70. A disparidade entre a postura alternativa e libertária do jornal em relação à política e a posição assumidamente “tradicional” em relação à mulher gerou uma justificativa por parte dos editores. Segundo eles, o fato de a mulher – e o texto não especifica que mulher é esta – ter apoiado o golpe de 1964 e a implantação da ditadura constituía uma falta gravíssima, com isso ela passou a ser identificada com o *status quo* e, como tal, passou a ser alvo das críticas<sup>19</sup>.

A autora procura ser muito correta em suas críticas à postura do *Pasquim* relativizando, inclusive, a acusação de *machista* que o jornal costuma sofrer, argumentando que, se por um lado, ela era verdadeira; por outro, era muito simplificadora, pois ocultava o contexto histórico no qual a redação na época estava inserida. Além disso, apesar de adotar posições francamente desfavoráveis aos avanços da mulher, o jornal não adotava um discurso monofônico, permitindo que vozes discordantes se manifestassem<sup>20</sup>.

Em que pese o espírito democrático da redação do *Pasquim*, a verdade é que nunca se ouviu falar de uma colunista, articulista ou cartunista – protagonista – no jornal. E *mutatis mutandis*, o contexto político-social mudou de 1969 para 1999, o nome mudou de *Pasquim* para *Bundas*, mas a posição que “a nata do humorismo brasileiro” adota em relação à mulher continuou a mesma, não precisa ler, basta olhar a capa:

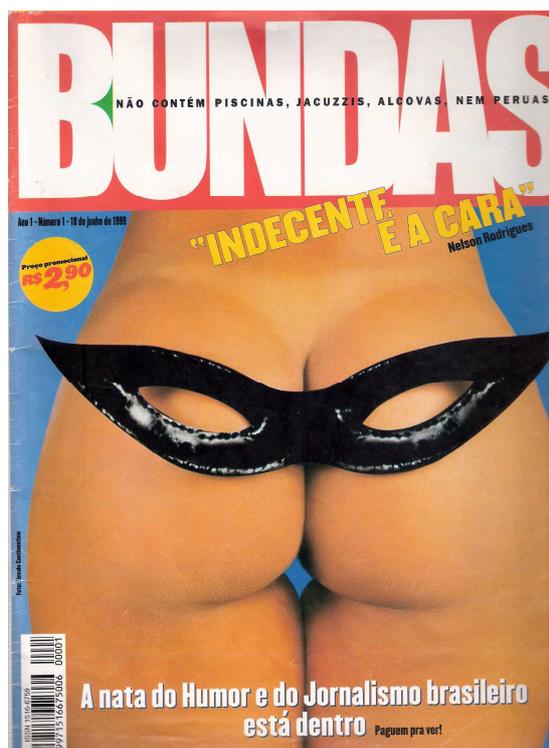


Figura 1 – Capa da revista *Bundas*  
Fonte: *Revista Bundas* (1999)

Uma terceira característica dos estudos sobre o humor escrito por mulheres é a presença de epígrafes, citações e referências a homens, escritores, críticos, filósofos ou cientistas, como Schopenhauer, Bergson e Freud, que afirmam e/ou explicam categoricamente por que as mulheres não têm senso de humor. O arauto da vez é o escritor inglês Christopher Hitchens. Em um artigo polêmico e politicamente incorreto, intitulado “Por que as mulheres não são engraçadas?”, publicado na *Folha de S. Paulo*, no Dia das Mulheres, de 2007, ele volta a dizer que as mulheres não têm senso de humor e arroga para si a tarefa de explicar por que razão isto acontece<sup>21</sup>.

Mais produtivo do que buscar questionar a pertinência de quaisquer dos motivos enumerados no artigo Hitchens - e a maioria deles é bastante questionável<sup>22</sup> - é questionar o artigo em si: por que o riso da mulher incomoda tanto? Se de fato, como quer seu autor, a mulher não tem senso de humor, se ela é incapaz de perceber o ridículo das coisas, se o seu riso é apenas um reflexo amestrado para agradar o homem, por que sairia Hitchens dos seus cuidados para negá-lo com tanta veemência? A impressão que se tem é que, depois de conquistadas a consciência, a inteligência, a liberdade sexual etc., o humor feminino é uma espécie de eterno novo bastião que as mulheres vão precisar derrubar para fazer jus ao direito de saber e fazer rir.

O debate sobre o senso de humor das mulheres está intimamente ligado ao debate geral sobre a sua capacidade intelectual, que ocupou educadores, pesquisadores e cientistas no século XIX. A separação entre as esferas masculinas e femininas, à medida que o século progredia, foi acompanhada por uma ênfase na diferença entre as habilidades femininas e masculinas de pensar e raciocinar. A lógica, a razão e o pensamento analítico se tornariam províncias masculinas enquanto à mulher foram atribuídos a intuição, o sentimento e a moralidade.

Há uma série de outros fatores que interferem nesse debate, e alguns estudiosos, buscando argumentos para corroborar a idéia de que a mulher é menos afeita ao humor, vão buscá-los nas mais diversas áreas do conhecimento humano, da teoria psicanalítica freudiana aos estudos lingüísticos.

Dos estudos lingüísticos, Walker cita os achados do lingüista Robin Lakoff, a partir de pesquisas realizadas em meados dos anos 70, segundo os quais a mulher sofre discriminação lingüística de duas formas: no modo como são ensinadas a usar a língua, evitando palavrões e usando uma linguagem mais polida, e na maneira como são tratadas pela língua.

No caso da língua portuguesa, entre as formas de tratamento pejorativo dado à mulher, registradas no *Aurélio Séc. XXI*, podem ser citados, por exemplo, o fato de que os termos que designam os animais, no masculino, como *galo*, *touro*, *cão*, normalmente têm uma acepção positiva, enquanto os seus equivalentes, no feminino, *galinha*, *vaca*, *cadela*, têm acepções negativas, associadas à mulher, qualificando-a como leviana e promíscua.

Um fenômeno parecido acontece com alguns compostos formados a partir da palavra *mulher*, como *mulher da vida*, *mulher da rua*, *mulher pública*, todos com

conotações negativas, enquanto seus equivalentes no masculino têm conotações positivas ou neutras: *homem da rua, homem da vida, homem público*.

Caso curioso é o da palavra *sujeito* que, no *Aurélio Séc. XXI*, possui vinte acepções, três das quais relacionadas à filosofia que o definem como “[o indivíduo] que é capaz de propor objetivos e praticar ações”, “o que conhece”, “o agente”, “a fonte de atividade”. Contra apenas uma acepção da palavra *sujeita*, que é apenas “a mulher indeterminada, ou cujo nome se quer omitir”, e cuja abonação não é exatamente um exemplo de neutralidade: “saiu de casa, andou pela capital como marceneiro e depois voltou com uma sujeita ruiva que usava uns vestidos escandalosamente decotados”.

Essa discriminação lingüística seria, ainda de acordo com Lakoff, a razão pela qual as mulheres não fazem piadas, não sabem contá-las, não conseguem entendê-las e pela qual, portanto, elas não têm senso de humor<sup>23</sup>.

O que Lakoff parece não perceber é o fato de que muitas dessas piadas costumam ter cunho machista. Ora, se a própria mulher é o alvo preferencial da *punch line*, ela pode ter problemas não em entender a piada, mas com a piada em si. O caráter pejorativo de muitos estereótipos femininos nela veiculados, como a resmungona, a megera, a fofoqueira, a encrenqueira, a dominadora do marido, justifica a resistência da mulher em rir. Ela talvez não queira ser cúmplice de sua própria derrisão.

Quanto às questões psicanalíticas, Maria Rita Kehl<sup>24</sup>, discutindo o tema do Édipo feminino, em “A mulher e a lei”, diz que a disparidade das ameaças que pairam sobre o homem e a mulher no complexo de Édipo fez com que Freud indagasse o que forçaria a mulher a deixar de ser incestuosa, infantil, onipotente, a sair do Édipo, portanto, se ela já entra sabendo que não tem nada a perder. Este “nada a perder”, segundo a autora,

*[...] está na origem da formação do superego da mulher, que fica assim tão complacente quanto implacável. Se por um lado é difícil ameaçar alguém com a perda de um falo imaginário, por outro este imaginário se incorpora ao próprio ser da mulher – seu falo é a feminilidade mesma, e podemos dizer que na rivalidade edípica ela não tem nada a perder a não ser ... a feminilidade. Nada a perder a não ser tudo o que faz dela uma mulher.*<sup>25</sup>

É possível relacionar essa afirmação à questão do humor no sentido de que a mulher pode ter sido levada a evitá-lo ou escondê-lo pelo medo de incorrer nessa perda da feminilidade, em culturas em que a demonstração pública de humor não é considerada apropriada para mulheres.

Essa questão do que é próprio ou impróprio para uma mulher, ou melhor para algumas idealizações da mulher, cristalizadas em noções como “menina educada”, “moça de família”, “moça casadoira”, “mulher de bem” e “senhora de respeito”, talvez seja um dos fatores mais preponderantes por trás da idéia de que a mulher é refratária ao humor.

Walker afirma que, entre os vários métodos que são utilizados em diferentes culturas para controlar e determinar o comportamento das mulheres, tais como o confinamento, a proteção e o método da restrição normativa, é justamente este último o mais complexo. Apesar de parecer o mais liberal, ele na verdade deposita o fardo da obediência às restrições sociais em cada mulher individualmente, exigindo assim que ela seja a censora de seu próprio comportamento. O que está sendo chamado de “restrição normativa” (uma espécie de “superego postico”) é um conjunto de valores e expectativas culturais embutido naquelas noções de “menina educada”, “mulher de bem” etc., que incluem, guardadas as devidas diferenças culturais, atributos como castidade, gentileza, graça, inocência, bondade, limpeza, brandura, virtude, etc. Em contraste com o confinamento (que mantém a mulher em casa) e a proteção (que exige que a mulher só saia de casa acompanhada), o método da restrição normativa exige que a mulher internalize o conjunto de regras que ditam o comportamento apropriado da “boa menina”, e isto é para a vida toda. A condição de “mulher de respeito” nunca é totalmente atingida, ela precisa ser demonstrada em cada instância da interação social. Estar sob esta constante pressão do comportamento adequado é um fator que tem relação direta com a livre expressão do humor. Tanto é assim que entre si as mulheres costumam dar mais vazão ao seu humor do que quando há homens presentes, daí a invisibilidade do humor para os homens<sup>26</sup>.

Finney observa que, num ambiente em que prevaleça essa ideologia do que é próprio ou impróprio para a mulher de bem, como a que se estabeleceu na sociedade americana do século XIX, uma certa passividade, um certo desejo de aprovação masculina e os preceitos da etiqueta das damas são nocivos à produção de humor<sup>27</sup>. Barreca, por sua vez, salienta que este último aspecto ainda persiste na década de 60, quando não se admitia que uma moça de família entendesse o teor sexual de alguma piada mais picante<sup>28</sup>.

Entre as conseqüências que esse código conduta pode acarretar, duas são particularmente contraproducentes para o humor. Uma delas é a expectativa de que as mulheres sempre tenham bons sentimentos, ao passo que a comédia necessita de uma

dose de agressividade, sátira e zombaria. A outra, inspirada em Bergson<sup>29</sup>, é que a comédia necessita do grupo para se manifestar. Estando, por muito tempo, excluída da esfera pública da sociedade, a mulher muitas vezes não esteve aí presente para compartilhar desse aspecto<sup>30</sup>.

Por tudo que se disse, conclui-se que liberdade intelectual, independência e senso de humor guardam entre si uma certa interdependência. A percepção e a criação do humor são atividades intelectuais que permitem perceber a ironia e a incongruência de uma situação e, ao mesmo tempo, mantê-las a uma certa distância para ser capaz de brincar. A visão humorística requer a habilidade de manter duas realidades contraditórias em suspensão simultaneamente – para executar um ato de equilíbrio mental que sobrepõe a visão cômica da vida aos fatos observáveis. A percepção do ilógico requer uma percepção prévia da lógica aceita. E aqueles que negam à mulher o senso de humor estão, na verdade, negando-lhe primeiramente sua capacidade de pensamento lógico.

O mito da falta de humor das mulheres, que a esta altura já pode ser entendido como uma falha de percepção de quem não consegue (ou não quer) enxergá-lo, tem uma longa história e, pelo depoimento de Hitchens, está ainda longe de ser derrubado por completo.

A quarta e última característica comum que permeia os estudos aqui utilizados é a constatação de que as mulheres, apesar de todas as disposições em contrário, fazem humor. Na antologia *The Penguin Book of women's humor*, Regina Barreca reúne contos, cartuns, trechos de romances de autoria de escritoras de língua inglesa, cujas obras ou são diretamente humorísticas ou trazem humor de alguma forma. O fato de sua coletânea reunir cerca de 200 escritoras, do século XVI aos dias atuais, mostra que as mulheres não se tornaram subitamente engraçadas nos anos 90, assim como não se tornaram ambiciosas nos 70, nem sexualmente liberadas nos 60, nem inteligentes em 1890<sup>31</sup>. Não deve (e não pode) ser surpreendente o fato de a mulher ter sempre feito uso de algum tipo de humor, principalmente como uma ferramenta de sobrevivência no mundo social e profissional e como uma arma contra a desigualdade.

No Brasil, há sinais de que o humor das mulheres, pelo menos na prática, está se tornando visível. Há, por exemplo, uma série de críticas, ora positivas ora negativas, na mídia impressa e digital, sobre livros e *sites* de humor de mulheres. Ou seja, já há uma produção de humor feito por mulheres para ser criticada. Dessa produção, foram encontradas menções aos seguintes trabalhos: *02 neurônio – Almanaque pra garotas*

*calientes* de Jô Hallack e outros<sup>32</sup>, que também estão no *site 02 neurônio*; *Tapa de humor não dói* de Suzana Abranches e outros<sup>33</sup>; *Eu sento, rebolo e ainda bato um bolo*, de Marcela Catunda e Andréa Cals<sup>34</sup>, que também são as criadoras do *site Banheiro Feminino*.

Também promissores são os artigos que reconhecem o talento das mulheres para o humor, como o da autoria de Sérgio Augusto, colunista de revistas como *Bundas* e *Bravo*, que se encontra na coletânea de suas colunas, intitulada *Lado B*. No texto “O clitóris que ousa dizer seu nome”, o autor menciona o sucesso da revista de humor feminino (sic), *Grelo Falante*, e diz que aqueles que acham que a mulher não tem senso nem talento para o humor ainda não encontraram a mulher certa. E cita nomes como Dorothy Parker, Mae West e Lorrie Moore, em língua inglesa, e, no Brasil, Bárbara Gancia, Bianca Ramoneda, Elisa Palatinik e Lúcia Guimarães<sup>35</sup>.

No encarte *Veja Mulher Especial*, suplemento da edição da *Veja*, de maio de 2008, há um artigo, intitulado “E quem disse que mulher não é engraçada?”, que, como o título indica, é mais uma resposta às provocações de Christopher Hitchens. O texto, além de resumir as idéias de Hitchens e louvar sua inteligência e seu talento histriônico, pergunta como é que ele explica a recente multiplicação de mulheres na vanguarda da comédia, não apenas atuando, mas escrevendo, produzindo, interpretando e dirigindo obras de humor. Entre elas, o texto cita, na TV americana, Tina Fey (*30 Rock*), Sarah Silverman (com programa homônimo) e Amy Poehler e Rachel Dratch (*Saturday Night Live*) e, no Brasil, Ingrid Guimarães, autora (*Cócegas*), intérprete (*Cócegas*) e diretora de peças (*Sete conto*, de Luiz Miranda) e programas de humor, como *Mulheres Possíveis* (Canal GNT) e *Sob nova direção* (Rede Globo), e Grace Gianoukas, roteirista, diretora e atriz do grupo *Terça Insana*<sup>36</sup>. Parece que o tiro de Hitchens acabou saindo pela culatra.

Para concluir, comentando um último aspecto que se supõe relacionado à invisibilidade do humor produzido por mulheres no Brasil, tomam-se algumas reflexões de Maria Rita Kehl em dois ensaios sobre “o que querem as mulheres”. No texto, “A mínima diferença”, tomando Ana Karenina e Emma Bovary como representantes dos impasses da longa passagem da mulher ocidental do século XIX para a modernidade, ela observa que, do ponto de vista dessas narrativas, o suicídio parecia ser a única solução possível para aquelas que não se conformavam com os seus papéis.

Denominadas, pela psiquiatria do século XIX, como “bovarismo”, muitas das insatisfações e ilusões dessas personagens – que equivalem hoje a manifestações de

crença no livre-arbítrio e na livre iniciativa – pareciam, quando encontrados nas Emmas e Annas de outrora, manifestações delirantes de um desajuste psicológico<sup>37</sup>.

Em “Um corpo que seja seu”<sup>38</sup>, por sua vez, Kehl comenta o romance *The awakening*, de Kate Chopin, observando que a morte da personagem principal, Edna Pontellier, não parece ter sido uma escolha – nem da personagem nem da autora – mas resultado de uma espécie de falta de solução dramática para as narrativas, cujas personagens femininas tentaram, de alguma forma, mudar seus destinos.

É como se essas mulheres estivessem num entrelugar ou num entremomento (da narrativa? da história? dos costumes?). Já não cabiam mais onde estavam e ainda não havia para onde ir. Do final do século XIX até este início do século XXI, contudo, as conquistas femininas propiciaram a criação de outras soluções dramáticas para as narrativas que as mulheres vêm protagonizando, muitas delas bem menos trágicas do que aquela em que se exige a morte da heroína no final.

Dessas reflexões, pode-se inferir que a invisibilidade do humor produzido por mulheres no Brasil talvez seja decorrente do fato de que ainda não se sabe o que fazer com ele. Ele existe e já está aí há algum tempo, mas ainda não se deixou ver ou *ainda* não se quis vê-lo. E este “ainda” é a palavra-chave que remete a Foucault,:

*Isso significa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época; não é fácil dizer alguma coisa nova; não basta abrir os olhos, prestar atenção, ou tomar consciência, para que novos objetos logo se iluminem e, na superfície do solo, lancem sua primeira claridade.*<sup>39</sup>

No que tange à visibilidade do humor produzido por mulheres no Brasil, portanto, acredita-se que isto seja, como sugere Foucault, uma questão de tempo. E sendo assim, tomara que tenha razão o velho ditado que diz: “quem ri por último ri melhor”.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> FERRAZ, Selma (Org.). *Dicionário machista*. 2 ed. Londrina, PR: Campanário, 2002.

<sup>2</sup> HERNANDEZ, Fabio. As mulheres não são engraçadas. *Época*, São Paulo, Globo, n. 518, 19 abr. 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/>>. Acesso em: 5 jun. 2008.

- 
- <sup>3</sup> HITCHENS, Christopher. Por que as mulheres não são engraçadas? *Folha de S. Paulo*, 8 mar. 2007. Ilustrada, p. E4- E5.
- <sup>4</sup> HERNANDEZ, Fabio. As mulheres não são engraçadas, op. cit.
- <sup>5</sup> BARRECA, Regina. *Last laughs: perspectives on women and comedy*. New York: Gordon and Breach, 1988; \_\_\_\_\_. *They used to call me Snow White, but I drifted: women's strategic use of humor*. New York: Penguin Books, 1991; \_\_\_\_\_. *The Penguin Book of women's humor*. New York: Penguin Books, 1996.
- <sup>6</sup> FINNEY, Gail (Ed.). *Look who's laughing: gender and comedy*. Longhorn, PA: Gordon and Breach, 1994.
- <sup>7</sup> WALKER, Nancy. *Women's humor and American culture*. Minneapolis: Markham University of Minnesota Press, 1988.
- <sup>8</sup> HITCHENS, Christopher. Why women aren't funny. *Vanity Fair*. Jan. 2007. Disponível em: <<http://www.vanityfair.com>>. Acesso em: 15 mar. 2007.
- <sup>9</sup> FINNEY, Gail (Ed.). *Look who's laughing: gender and comedy*, op. cit., p.11.
- <sup>10</sup> BARRECA, Regina. *The Penguin Book of women's humor*, op. cit.
- <sup>11</sup> Cf. HERNANDEZ, Fabio. As mulheres não são engraçadas, op. cit.
- <sup>12</sup> BRANCO, Lúcia Castello. *Escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense. 1991 (Coleção Primeiros passos, n. 251).
- <sup>13</sup> HOLLANDA, Heloisa Buarque de; ARAÚJO, Lucia Nascimento. *Ensaístas brasileiras: mulheres que escreveram sobre literatura e artes de 1860 a 1991*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- <sup>14</sup> REIS, Livia de Freitas; VIANA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Org.). *Mulher e Literatura: VII Seminário Nacional*. Niterói: Eduff, 1999. 2v.
- <sup>15</sup> LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- <sup>16</sup> Id., *ibid.*, p. 61.
- <sup>17</sup> Cf. MENDES, Cleise Furtado. *A gargalhada de Ulisses: um estudo da catarse na comédia*, 2001. 347f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. p. 12.
- <sup>18</sup> GRAUNA. *Viva o Dia Internacional da Mulher!* Disponível em: <<http://bp1.blogspot.com/>>. Acesso em: 14 mar. 2008.
- <sup>19</sup> BITTENCOURT, Therezinha. A mulher na imprensa alternativa. In: REIS, Livia de Freitas; VIANA, Lúcia Helena; PORTO, Maria Bernadette (Org.). *Mulher e Literatura: VII Seminário Nacional*. Niterói: Eduff, 1999. v.1. p. 312-317.
- <sup>20</sup> Id., *loc. cit.*
- <sup>21</sup> HITCHENS, Christopher. Por que as mulheres não são engraçadas?, op. cit.
- <sup>22</sup> Cf. SILVA, Alba Valéria Tinoco Alves. *Só rindo à socapa: uma antologia de 21 contos, casos e crônicas, com humor, escritos por mulheres no Brasil*, 2008. 360f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. p. 149-157.
- <sup>23</sup> WALKER, Nancy. *Women's humor and American culture*, op. cit., p. 86.
- <sup>24</sup> KEHL, Maria Rita. A mulher e a lei. In: \_\_\_\_\_. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 44-45
- <sup>25</sup> Id., *loc. cit.*
- <sup>26</sup> WALKER, Nancy. *Women's humor and American culture*, op. cit., p. 84-85.
- <sup>27</sup> FINNEY, Gail (Ed.). *Look who's laughing: gender and comedy*, op. cit., p.1-2.
- <sup>28</sup> BARRECA, Regina. *They used to call me Snow White, but I drifted: Women's strategic use of humor*, op. cit., p.1-5.
- <sup>29</sup> Cf. BERGSON, Henri. *O riso*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p.4-5.

- 
- <sup>30</sup> FINNEY, Gail (Ed.). *Look who's laughing: gender and comedy*, op. cit., p.2.
- <sup>31</sup> BARRECA, Regina. *They used to call me Snow White, but I drifted: women's strategic use of humor*, op. cit., p. 1-5.
- <sup>32</sup> AVELINO, Paulo. Três livros femininos. Disponível em: <[www.fla.matrix.com.br/pavelino/femininos.htm](http://www.fla.matrix.com.br/pavelino/femininos.htm)>. Acesso em: 13 ago. 2004.
- <sup>33</sup> Id., *ibid.*
- <sup>34</sup> COLOMBO, Sylvia. Humor feminino sai do banheiro. *Folha de S. Paulo*, 10 dez. 2006.
- <sup>35</sup> AUGUSTO, Sérgio. O clitóris que ousa dizer seu nome. In: \_\_\_\_\_. *Lado B*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 76.
- <sup>36</sup> E QUEM disse que mulher não é engraçada?. *Veja*, Abril, ano 41, maio 2008, Suplemento, p. 58-61.
- <sup>37</sup> KEHL, Maria Rita. A mínima diferença. In: \_\_\_\_\_. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 21-28.
- <sup>38</sup> KEHL, Maria Rita. Um corpo que seja seu. In: \_\_\_\_\_. *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*, op. cit., p. 96-104.
- <sup>39</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007. p.50.